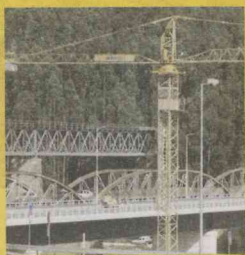
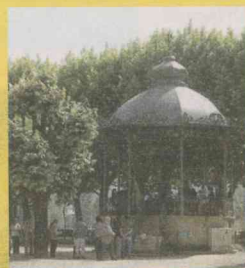


Importância das paisagens fluviais em debate

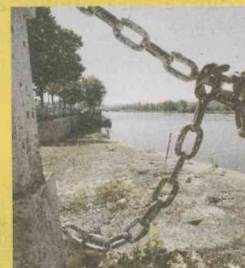
projetos



► Antiga ponte da Portela: recuperação para passagem pedonal para Ceira, com uma ligação em ciclovia (projeto em consideração).

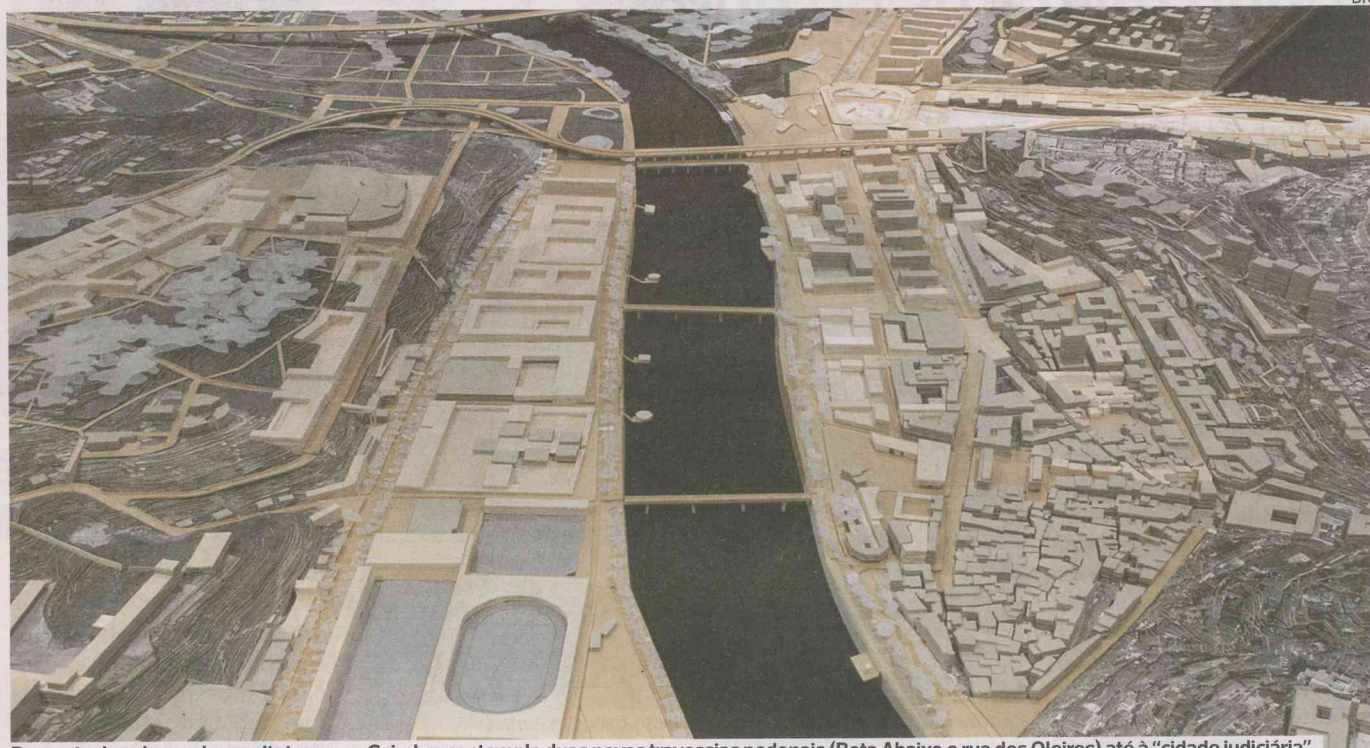


► Reabilitação do Parque Dr. Manuel Braga, num projeto a concretizar em dois/três anos, com um orçamento a rondar os 500 mil euros.



► Recuperação dos muros de suporte das margens “urbanas” do rio Mondego, numa extensão de cerca de dois quilómetros – a cargo da autoridade hidrográfica nacional –, com um caderno de encargos de cerca de 11 milhões de euros e a previsão de prazo de execução de 42 meses. Financiamento desejável num próximo quadro comunitário de apoio.

► Ciclovia do Mondego – de Coimbra à Figueira da Foz, passando por Montemor-o-Velho, num traçado a acompanhar todo o percurso do rio e uma extensão de 42 quilómetros. O custo total ronda os 6,4 milhões de euros e encontra-se inscrito no atual quadro comunitário de apoio.



Proposta dos alunos de arquitetura para Coimbra contempla duas novas travessias pedonais (Bota Abaixo e rua dos Oleiros) até à “cidade judiciária”

O Mondego a unir margens e a aproximar interior e litoral

Importância das paisagens fluviais para as comunidades locais está em debate no colóquio a decorrer em Coimbra, integrado num projeto europeu com cidades de França, Itália e Roménia. Por cá, repensa-se o Mondego

●●● A importância social, económica e paisagística, em suma a importância patrimonial dos rios para as cidades e para as comunidades locais, está a envolver até amanhã especialistas em áreas tão diversas como a arquitetura, a sociologia e a decisão política, passando ainda pela criação artística. O seminário internacional a decorrer em Coimbra é parte de um projeto europeu localmente coordenado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) e a Câmara Municipal de Coimbra e surge numa altura fundamental para o “repensar” do papel do Mondego numa estratégia de “afirmação do Centro”, face à bipolarização cada vez mais acentuada nas duas grandes áreas metropolitanas em que o país das determinações políticas parece querer consumir-se.

Quem o disse, ontem, no primeiro dos três dias do seminário internacional “A água como património”, foi José António Bandeirinha, professor do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (UC) e investigador do Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura do CES.

Partindo da relação secular e fundadora entre Coimbra e o

Mondego, o especialista defendeu a necessidade absoluta de “reafirmar” o Centro, promovendo a reaproximação entre o litoral e o interior que o Mondego pode e deve voltar a permitir, enquanto via de comunicação reativada. Porque, assegura Bandeirinha, a “bipolarização” do país nos dois grandes centros urbanos a norte e a sul, tudo tem “secado” em redor.

Propostas chegam à Figueira

Ontem ainda, entre as diversas intervenções – nomeadamente as de Nuno Ribeiro Lopes, a propósito da candidatura da UC a património da humanidade, e do vereador Paulo Leitão, que fez uma resenha histórica dos projetos de intervenção para a frente ribeirinha, adiantando ainda algumas intervenções importantes em curso ou planeadas (ver coluna ao lado) – contaram-se as de João Paulo Cardielos e Rui Lobo, do Departamento de Arquitetura da UC, que apresentaram alguns projetos sobre as margens do Mondego em Coimbra e na Figueira da Foz, exercícios desenvolvidos pelos alunos de projeto V.

Ao DIÁRIO AS BEIRAS, João Paulo Cardielos disse que tem sido possível “trabalhar com



Seminário prossegue hoje, no CES, com os estudos de “caso” de cada uma das quatro cidades participantes

- 1 Depois de uma visita ao Memorial a Miguel Torga, inaugura-se, no Museu da Água, a mostra “O rio voador”
- 2 Amanhã, o encontro encerra com uma visita guiada ao centro histórico de Coimbra

regularidade Coimbra”, que, em 2011, abarcou todo o território entre a ponte de Santa Clara e o Choupal (a jusante da ponte de Santa Clara), uma vez que “a cidade tem vindo a transformar toda a frente que se desenvolve da Portela à ponte de Santa Clara”.

Este ano, destacou Rui Lobo, foi possível, pela primeira vez e por solicitação da autarquia, “estender o desafio” ao longo do Mondego até à Figueira da Foz, “desenvolvendo cenários

que podem ser úteis para o plano estratégico da cidade”, com a intervenção a abranger três zonas principais: a frente ribeirinha da margem direita, a zona das marinas, a frente de rio; a ilha da Morraceira, do ponto de vista do seu desenvolvimento ambiental e turístico e ainda a margem sul, onde está a considerar-se um aumento importante das valências do porto.

Na margem norte, perspectivase a criação de marinas e um porto de cruzeiros para barcos de média dimensão, num elemento importante para a renovação da imagem e das atividades económicas da cidade, pensando num fluxo turístico que se estenda para o interior, até Coimbra, Fátima, mas também à Beira Serra. Mesmo porque este é um mercado que está em franco desenvolvimento na Europa, com os barcos de cruzeiro a deslocarem-se, por exemplo, à volta da Península Ibérica, começando em Barcelona e avançando até ao País Basco, parando numa série de portos dos quais pode fazer parte o da Figueira da Foz.

Lídia Pereira
lidia.pereira@asbeiras.pt